

MATURIDADE

Marcos Alan Martins Pereira¹
Pe. Rogério Alves Gomes²

RESUMO: O presente trabalho falará da temática da maturidade humana. O objetivo se fundamentará no problema da imaturidade das pessoas do mundo atual, e se preocupará em buscar caminhos e meios, como a vida virtuosa e o autoconhecimento, a fim de se alcançar o fim desejado: o homem maduro.

Palavras-chave: Maturidade. Autoconhecimento. Responsabilidade.

ABSTRACT: This project will discuss the theme of human maturity. The objective of the following is to build a solid analysis on the immaturity of people in the world today, and also will seek ways and means in which the virtuous life and self-knowledge help achieve the desired end: the mature man.

Keywords: Maturity. Self-knowledge. Responsibility.

1 INTRODUÇÃO

Frente a tantos questionamentos sobre o desenvolvimento do homem, o presente trabalho falará sobre um grande tema desse contexto: a maturidade. Observando o modo com as pessoas vivem, e se relacionam, surge uma inquietação sobre: Quando o homem alcança a maturidade e qual o caminho a se tomar?

Sabemos que isso nos remeterá a analisar várias áreas diferentes. Uma criança quando nasce é imatura, pois não desenvolveu suas capacidades, mas ao mesmo tempo visualizamos pessoas de idade avançada, já desenvolvidas que realizam ações com pura imaturidade, que nem sequer assumem seus atos e responsabilidades. Perguntamos então: O ser maduro é aquele que desenvolve suas capacidades fisiológicas? Ou psicológicas? Será aquele que verdadeiramente conhece de si? Ou aquele que é responsável?

Mas, parece-nos que só a identificação do problema não é o bastante. Pois, não basta saber o porquê da questão, mas como solucioná-la. Falaremos aqui do caminho para se chegar

¹Graduando em Filosofia pela Faculdade Serra da Mesa (FASEM), Uruaçu-Goiás. E-mail: marcosalanfilosofia@gmail.com.

²Graduado em Teologia - Seminário Maior Arquidiocesano de Brasília (2010) e graduação em Licenciatura em Filosofia pela Faculdade Católica de Anápolis (2011). Atualmente é docente - Seminário Diocesano São José, coordenador do curso de filosofia da Faculdade Serra da Mesa (FASEM), Uruaçu-Goiás. E-mail: iodacruz@hotmail.com.

à maturidade. Será que é pelo alcance de uma determinada idade cronológica? Ou psicológica? Será que é pela formulação de grandes ideias, para além de nosso eu real?

Assim, na tentativa de entender e buscar um caminho para se chegar à maturidade, neste texto será apresentado o seguinte esquema: primeiro faremos uma contextualização para se identificar os conflitos; logo após será apresentada algumas definições; por fim, faremos um itinerário no caminho para se chegar à maturidade.

2 IDENTIFICAÇÃO DOS CONFLITOS

Com o fluxo das evoluções contemporâneas, seja no campo tecnológico ou científico, foram favorecidas várias possibilidades e ferramentas para o progresso do homem e da sociedade, para o conhecimento da vastidão desconhecida do universo. O homem do mundo hodierno é rei supremo do desenvolvimento e do conhecimento das coisas que o rodeia. Mas, ao mesmo tempo, notamos que quanto ao conhecimento de si mesmo, aos modos de comportamento, à escolha de princípios e valores essenciais para a vida humana, o rei não passa de um escravo, ou seja, apesar de saber muito das coisas, desconhece de si.

Percebemos que tem aumentado, em número considerável, pessoas com um vazio existencial, marcadas por não encontrarem sentido na vida. Sem o conhecimento de sua realidade, deixam levar-se pela falta de objetividade, só se interessam pelo bem momentâneo, pelo que é prazeroso, não têm responsabilidade e não cultivam as boas virtudes, vivem sem ideal. Com isso, se lançam ao fracasso a espera do seu momento final: a morte. Assim, podemos nos perguntar se não seria a falta de maturidade a causa de todos esses efeitos?

Não queremos apontar a maturidade como o grande e eficaz remédio para todos os problemas do homem. Mas, o maduro é aquele que do modo certo, na hora certa, encontra saídas para os problemas; é ele que no momento de inquietação, de questionamento e desequilíbrio interior consegue se controlar, mantendo o equilíbrio para melhor se resolver.

Tais afirmações nos encaminham a uma determinada afirmação: os anos (cronológico) dão ao homem um tipo de maturidade corporal, mas não de seu modo de ser. A idade cronológica não influi diretamente no desenvolvimento da maturidade. Assim, começamos a entender que possuir certa idade não é condição “*sine qua nom*” para ser maduro.

3 DEFINIÇÃO DE MATURIDADE

Para melhor entender o processo de desenvolvimento da maturidade convém estabelecer uma definição. O termo vem do latim “*maturitas, atis*” que significa madureza,

maturidade, maturação, maduração. Segundo o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2009), o termo significa: “estado, condição (estrutura, forma, função ou organismo) num estágio adulto; condição de plenitude em arte, saber ou habilidade adquirida”. E, de acordo com Franco Imoda (2005, p.482):

Maturidade é o ponto de chegada do desenvolvimento. É a capacidade de atuar a potencialidade da pessoa. De um lado a maturidade setorial se refere à esfera da pessoa que leva em conta suas condições fisiológicas, emotivas, cognitivas, e interpessoal; de outro lado a maturidade compreensiva se refere à pessoa mesma. Em ambos os casos a maturidade denota a capacidade ou pelo menos de realizar as operações relativas ao fim proposto. A maturidade vem impedida quando o indivíduo não dispõe da capacidade essencial ou efetiva de operar como ser espiritual; inteligente e livre de autotranscender-se no amor e em amor antropocêntrico e teocêntrico. A maturidade depende, psicologicamente, do grau de harmonia interior e de capacidade de controlar o inevitável conflito inerente ao mistério da pessoa [...]. A maturidade depende do nosso psicológico, para que independente da situação eu mantenha o equilíbrio interior. Este está ligado ao grau de coerência ou incoerência entre as forças motivacionais da pessoa, em particular entre o componente ideal e aquele atual de si, é chamada de consistência ou inconsistência.

Podemos perceber variados aspectos da maturidade de acordo com o que se afirmou. O primeiro deles é o de fim, de realização que a pessoa alcança. Desta forma, notamos que há uma ação do homem em buscar ser e realizar aquilo que lhe é próprio. O segundo é a ação livre realizada pelo homem ao buscar seu fim último. Por derradeiro, o equilíbrio interior, que o possibilitará ir do eu real ao eu ideal possível.

3.1 OS CAMINHOS PARA A MATURIDADE

O caminho para se chegar à maturidade não depende exclusivamente dos anos vividos, mas do desenvolvimento. Outras disposições como o autoconhecimento, a responsabilidade, a construção do ideal de vida e principalmente da vivência das virtudes.

3.2 Maturidade: reconhecimento de si

Para alcançar a maturidade é necessário um reconhecimento do real interior do sujeito: as realidades físicas corpóreas, psicológicas, antropológicas e ontológicas; isso, a partir de uma autorreflexão, semelhante à proposta socrática do “conhece-te a ti mesmo”. Antes de formular qualquer meta objetiva para a vida madura, o sujeito tem por necessidade

um autoconhecer, saber de si, se entender. Segundo Viktor Emil Frankl (1990, p.129-132), “o ser humano é falível, porém cheio de potenciais que precisam ser descobertos para serem estimulados e aproveitados [...]”.

Com o conhecimento de sua capacidade corporal, o homem saberá o quanto pode desenvolver, tendo consciência de sua real situação psicológica, onde e em que está seguro ou necessita melhora, quanto às suas capacidades psíquicas; e somente reconhecendo sua essência, ou seja, sua determinação de que verdadeiramente é, é que poderá plenificar (desenvolver) aquilo que já o é em sua estrutura ontológica. Assim, é conhecendo a si mesmo, entendendo e aceitando os defeitos e capacidades, é que o homem dará seus primeiros passos rumo à maturidade.

Em contra partida, aquele que não se reconhece intimamente, nos variados campos da vida é um imaturo. Esse, deixar levar-se por qualquer ideal; projeta para si inúmeras ações e objetivos, mas por desconhecer a si, não consegue realizá-los, pois o que deseja está longe de seu real. Parece que ele vive em duas realidades totalmente contrárias e distantes uma da outra: o mundo real (o presente) e o mundo dos sonhos (aquele desejado, mas além das possibilidades reais de ser alcançado). Porém, somente a pessoa que se conhece consegue diferenciar as duas situações e buscar uma saída. Para Rafael Llano (2003, p. 54), “a pessoa madura é objetiva e realista. Tem um conhecimento ajustado dos limites da sua capacidade e da realidade que o circunda. Sabe distinguir muito bem entre o mundo dos desejos e o mundo da realidade”.

Neste contexto, somente sabendo de si é que o homem se aceita e caminha para a maturidade. Por essa via, ele é capaz de, frente às suas dificuldades, não se desequilibrar e manter a ordem do seu real interior, sem a necessidade de criar uma autoimagem onipotente e sem defeitos, mas no seu modo humilde de ser.

3.3 Maturidade e responsabilidade

A vida matura implica necessariamente uma responsabilidade. O termo significa, conforme o Dicionário de Filosofia Nicola Abagnano (2000), “possibilidade de prever os efeitos do próprio comportamento e de corrigi-lo com base em tal previsão”. Em todo momento pessoas fazem escolhas, decidem por elas e pelos outros, assumem posições sociais de grande influência, gerenciam negócios que envolvem várias pessoas e Estados. Todas essas escolhas e decisões geram consequências, boas ou más, que por sua vez necessitam de alguém

que responda pelo que faz. E o sujeito da ação só será capaz de assumir a responsabilidade, de forma livre, independente do resultado, quanto mais for maduro.

Assim pela responsabilidade poderemos saber o nível de maturidade alcançada pela pessoa. Para Llano (2003, p.75), “quando queremos medir o grau de maturidade de uma pessoa, podemos lançar mão de um critério muito acertado: observar em que medida ela sabe assumir os seus erros [...]”. Por outro lado, responsabilidade nos revela o imaturo. Esse, frente a diversas situações e consequências, em uma negação de si mesmo, não é capaz de assumir seus erros. Afirma Rafael Llano (2003, p.75) que os “imaturos têm medo de assumir os inconvenientes que os erros trazem consigo”. E complementa: “[...] o imaturo dissimula, finge, faz teatro, escusa-se, defende-se, tenta enganar os outros sem compreender que, na realidade, só se está enganado a si mesmo”.

Em todo contexto do convívio humano, a vida oferece ao homem uma oportunidade de crescer em maturidade, seja nas mais insignificantes e pequenas situações ou nas magnas e solenes, ele é chamado a responder por algo, a ser responsável. De acordo com LÄNGLE (1992 apud LIBARDI, 2008, p. 126), “[...] a vida cobra de cada ser humano uma resposta que corresponda a sua própria vida. Essa capacidade reservada à pessoa de dar e de receber respostas, reservada exclusivamente ao homem, faz dele um ser maduro”.

3.4 Maturidade como vida virtuosa

Até o momento pontuamos duas vertentes para se chegar à maturidade, não que necessariamente elas tenham que seguir uma ordem cronológica, mas, essas disposições se desenvolvem conjuntas. Grandes pensadores já se deleitaram nessa temática das virtudes, pois elas lhes oferecem uma fonte imensa para se estudar. O termo significa, segundo Ferrater Mora (1994), “força” (*virtus*), “poder”, de onde “poder de uma coisa”, “eficácia”, ou ainda, “hábito ou maneira de ser das coisas”. Conforme Mora (1994, p.3027):

[...] virtude é, no tocante a uma coisa, aquilo que completa a boa disposição da mesma, aquilo que aperfeiçoa; em outros termos, a virtude de uma coisa é, propriamente falando, seu bem, mas não um bem geral e supremo, mas o bem próprio e intrasferível. [...] é aquilo que faz a coisa ser o que é. [...] é o justo meio; é-se virtuoso quando se permanece entre o mais e o menos, na devida proporção ou na moderação prudente [...].

O desenvolver para a maturidade se constrói em relação com o crescimento virtuoso. O homem busca um reconhecimento de si e uma responsabilidade, entre outros caminhos para

chegar ao seu fim desejado, a maturidade. Isso o conduz ao justo meio, que a vida virtuosa proporciona. Logo percebemos que pelo cultivo das virtudes se pode chegar à vida madura. Pois, compreendendo a si e sendo o que verdadeiramente é, o homem repousa no justo meio, e alcança a maturidade.

O filósofo grego Aristóteles (1894), em sua obra *Ética a Nicômaco*, define dois tipos de virtudes: as intelectuais e as morais. A primeira se desenvolve pela educação e ensino; a segunda, que é seu objeto de estudo, é adquirida pelos hábitos. Segundo o filósofo, “ela é uma disposição que visa à mediania, que leva o homem ao comportamento moderado”, ou seja, que ele busque o meio-termo com relação às paixões.

Partindo do conceito de virtude moral de Aristóteles, como “hábito ou disposição estável com vista a praticar o bem”, chegaremos à maturidade da pessoa. O homem deseja ser bom virtuosamente, ele se encaminhará para uma vivência e cultivo de bons hábitos. Será necessário, em todo momento, uma eleição do que sua vontade deseja; e, entre as várias possibilidades ele deverá escolher o que lhe encaminha para o bem supremo, e não o que lhe conduz a uma realização das suas paixões.

Aristóteles (1894) aponta vários tipos de virtudes, e respectivamente os seus vícios. São essas: a coragem, temperança, justiça, liberalidade, magnificência, calma, veracidade, espiritualidade, veracidade, amabilidade, modéstia, justa indignação e justo orgulho. Todas possuem uma falta e um excesso, segundo o pensamento do filósofo, mas quando vividas moderadamente conduzem ao justo meio, ao ser completo desenvolvido, ao homem maturo.

O filósofo afirmava que a justiça é considerada uma virtude cardeal, pois está ligada à vida política, a *polis* grega. Diz ele, no livro V da obra *Ética a Nicômaco*: “A justiça é uma disposição segundo a qual o agente deseja fazer o que é justo, enquanto que o contrário e desejar o que é injusto”. Logo o justo, então, é aquele que conforme a lei é correto e age com equidade e o injusto incorreto e iníquo. Esta virtude faz o homem ultrapassar seu individualismo e agir em/com relação ao próximo. Pensando no meio social, o meio termo da justiça, por exemplo, no campo econômico, como cita Aristóteles, estaria na justa medida entre o lucro e a perda.

Outra grande e importantíssima virtude que exige um grande esforço nos hábitos para alcançá-la é a prudência. Segundo Aristóteles, a *phrónesis* (prudência) “é a mãe de todas as outras virtudes. Pois a virtude nos faz desejar o que é correto e a prudência nos faz adotar os meios corretos”, afirma Aristóteles. E, segundo Llano (2003), “o primeiro passo para a prudência é o reconhecimento das nossas limitações: virtude da humildade”. É ela quem rege as virtudes morais que disciplinam os apetites, os desejos e a paixão. Ela auxilia na escolha

dos melhores meios para se chegar à felicidade. O homem prudente é capaz de observar, julgar e agir, frente a uma determinada situação com tranquilidade, pois se encontra no justo meio, e escolher o que lhe convém.

Falando de prudência veremos que essa tem grande semelhança com a maturidade. Cita Aristóteles (1894), na *Ética a Nicômaco*: “[...] a prudência é a capacidade que se tem de emitir um juízo acertado sobre o que se deve fazer aqui e agora [...]”. Quanto à maturidade, o Concílio Vaticano II (1961-1965), diz: “que consiste precisamente na capacidade de tomar decisões ponderadas”. Assim, comparando as ideias, percebemos que elas têm um forte denominador em comum.

Neste contexto, afirma Rafael Cifuentes Llano (2003) que também no pensamento de Aristóteles e de São Tomás de Aquino, a virtude da prudência se assemelha muito com a maturidade em seus elementos fundamentais. Assim, podemos destacar alguns pontos:

- O primeiro é o da experiência. Cita Llano (2003): “Que tanto a prudência quanto a maturidade relacionam-se com uma sabedoria que nasce, em grande medida, dessa capacidade de assimilar as experiências passadas [...]”.
- O segundo é o da sagacidade. Essa implica perspicácia, rapidez ou flexibilidade, mas dentro dos limites de uma vida virtuosa. É uma capacidade de adaptação a certas circunstâncias. Porém, essa prudência não pode ser aquela do “jogo de cintura”, do “jeito maduro”, pois não seria uma maturidade autêntica, mas interesseira.
- O terceiro é o da circunspeção (aquele que “volta o olhar”). É captar aquilo que o circunda. É levar em consideração as circunstâncias; ela traz em si um teor de cautela e precaução, ou ainda, previdência. Assim, segundo Ortega y Gasset (apud LLANO, 2003), o homem maduro vê em cada nova situação não só a superfície imediata, mas as consequências.
- Por fim, outro elemento fundamental da prudência é a capacidade de pedir conselho. É aqui que encontramos os sinais característicos do homem maduro. Temos uma superação do individualismo e do autossuficientíssimos, e nos deparamos novamente com a humildade, primeiro passo para a prudência. Conforme Llano (2003, p.63): “Quem sabe pedir conselho passa por ignorante uma única vez; quem não o pede mostra sua ignorância todas às vezes. Os conselhos pedidos, não se tratam de uma razão para nossos atos, mas da verdade dita, por mais dura que seja”.

Aqui, chegamos ao ponto culminante do caminho para a maturidade. É o prudente o maturo por excelência. Sobre o meritório da prudência para a maturidade, Rafael Llano (2003, p.65), afirma:

A prudência é como uma pedra preciosa, um brilhante lapidado em riquíssimas facetas: a ponderação do passado, a sagacidade, a circunspeção, a previdência e o pedido de conselhos. Todas são parte integrante, necessária e insubstituível daquilo que, em termos mais amplos, denominamos maturidade.

Assim, sendo esta virtude, “mãe de todas as outras”, a que faz com que o homem saiba utilizar as outras para repousar na felicidade, é ela que caracteriza o homem maturo no seu mais alto nível.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar de maturidade é uma questão um tanto desafiadora. Pois, entendemos que não se trata, primeiramente, de um desenvolvimento dado pela idade cronológica, mas processo que envolve possibilidades e disposições da pessoa seja no campo fisiológico, psicológico, ontológico ou das virtudes; necessita de um autoconhecimento, de uma reflexão sobre suas atitudes e escolhas, encontrando a justa medida entre o eu real (realidade, presente), e o eu ideal (o que se quer alcançar, o futuro...).

Percebemos que entre o maduro e o imaturo há grandes diferenças, em todos os campos citados. O maduro fisiológico é o que desenvolve seu corpo e o imaturo é, por exemplo, uma criança recém-nascida; no campo psicológico e ontológico, o maturo é aquele que sabe manter o equilíbrio mental e emocional frente às diferentes situações, boas ou más, ou frente ao descobrir de qual é sua verdadeira essência. No campo das virtudes o maturo é o sujeito que as cultiva, através dos bons hábitos, que sabe relacioná-las e por elas, se encaminhar para o bem, para a felicidade.

Falamos de dois indispensáveis caminhos para a maturidade. O primeiro foi quanto ao conhecimento de si próprio; do estar ciente das capacidades e dificuldades, ou seja, do que realmente é, do seu “eu real”. Além do mais, falamos também da responsabilidade, como meta de quem deseja ser maturo; ou seja, do sujeito que reconhece suas ações, boas ou más, e se responsabiliza por elas.

Por último, ao refletirmos de modo rápido sobre as virtudes, que eleva o homem ao justo meio, entendemos que, o homem virtuoso sabe analisar, julgar e agir, de modo

equilibrado quando se encontra em uma situação desconfortante. O virtuoso é bom, e se encaminha para o bem, pois sabe encontrar a justa medida da vida. Esse é o caminho para a maturidade.

A maturidade pode ser entendida como o acabamento das virtudes consideradas globalmente, como nexos de união entre todas elas, como a expressão visível dessa unidade da vida que traz coerência e harmonia aos diversos aspectos da nossa personalidade. (LLANO, 2003, p.112)

Destarte, ao falarmos sobre a virtude da prudência, que é mãe de todas as virtudes, compreendemos que a maturidade é a união de todas as virtudes. O homem virtuoso por excelência é o maturo. A vivência profunda das virtudes o eleva à maturidade.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bosi; revisão da tradução e tradução dos novos textos Ivone Castilho Benedetti. São Paulo, 4 ed., 2000.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo, Editora Martin Claret. 4 ed., 2001.
- Concílio Vaticano II 1962-1965: mensagens, discursos, documentos. São Paulo, Edições Paulinas, 1998.
- MORA, José Ferrater. **Dicionário de Filosofia: Virtude**. São Paulo, Edições Loyola, 1994.
- FRANKL, Viktor Emil. **Psicoterapia para todos. Uma psicoterapia coletiva para contrapor-se à neurose coletiva**. Editora Vozes. Petrópolis, 1990.
- IMODA, Franco. **Sviluppo Umano: Psicologia e Mistero**. Bologna, 2005.
- LLANO, Cifuentes Rafael. **A maturidade**. São Paulo, Editora Quadrante, 2003.
- HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Editora Objetiva, 2009.
- LÄNGLE, Alfried. **Viver com sentido**. Petrópolis, Editora Vozes, 1992.
- LIBARDI, Antônio Tadeu. **Dimensão da Maturidade à Luz da Logoterapia**. Porto Alegre, 2008.